



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CCSA- CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

LÍDICE ANNY DE MEDEIROS PEGADO

**DE TELESPECTADOR A COPRODUTOR: COMO A AUDIÊNCIA  
CONTRIBUIU COM O JORNALISMO DA TV PARAÍBA NO INÍCIO DA  
PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS**

CAMPINA GRANDE

2022

LÍDICE ANNY DE MEDEIROS PEGADO

DE TELESPECTADOR A COPRODUTOR: COMO A AUDIÊNCIA CONTRIBUIU  
PARA O JORNALISMO DA TV PARAÍBA NO INÍCIO DA PANDEMIA DO NOVO  
CORONAVÍRUS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado à Coordenação do Curso  
Jornalismo da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de bacharel do curso de  
Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima

Campina Grande  
2022

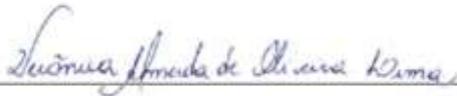
LÍDICE ANNY DE MEDEIROS PEGADO

DE TELESPECTADOR A COPRODUTOR: COMO A AUDIÊNCIA CONTRIBUIU  
COM O JORNALISMO DA TV PARAÍBA NO INÍCIO DA PANDEMIA DO NOVO  
CORONAVÍRUS

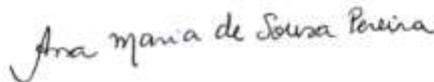
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado à Coordenação do Curso  
Jornalismo da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de bacharel do curso de  
Jornalismo.

Aprovada em: 22/03/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Ana Maria de Sousa Pereira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P376d Pegado, Lidice Anny de Medeiros.

De telespectador a coprodutor [manuscrito] : como a audiência contribuiu para o jornalismo da TV Paraíba no início da pandemia do novo coronavírus / Lidice Anny de Medeiros Pegado. - 2022.

34 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima, Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."

1. Pandemia Covid-19. 2. Telejornalismo. 3. Audiência Participativa. 4. Coprodução. 5. TV Paraíba. 6. Redação jornalística. I. Título

21. ed. CDD 070.4

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que me sustentou até aqui, que abriu portas para que eu realizasse sonhos e pudesse aprender diariamente sobre jornalismo. Agradeço aos meus pais, Eduardo Loureiro e Ana Lúcia, que sempre estiveram ao meu lado e que nos momentos mais difíceis me sustentaram, mas também se alegraram com cada conquista. Ao meu noivo, Samy Oliveira, que sempre me incentivou a aprender, sempre contribuiu com a minha evolução acadêmica e profissional, e que sempre esteve comigo dando apoio em cada decisão. À minha irmã caçula, Ana Eduarda, que me incentivou e não me deixou desistir quando tudo ficou mais difícil. À minha orientadora Verônica, que está caminhando ao meu lado desde as supervisões dos estágios não-obrigatórios, fazendo parte do meu projeto de TCC 1 e agora da conclusão dessa etapa tão importante na minha vida. A cada professor da UEPB, que contribuiu diretamente para a minha formação acadêmica. Por fim, aos membros da banca examinadora, que aceitaram de prontidão avaliar o meu Trabalho de Conclusão de Curso, se fazendo presentes e essenciais em um dos momentos mais importantes da minha vida.

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2.</b>	<b>A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS E A MUDANÇA NAS ROTINAS DO BRASIL.....</b>	<b>08</b>
<b>3.</b>	<b>O QUE MUDOU NAS REDAÇÕES DE JORNALISMO DURANTE A PANDEMIA? .....</b>	<b>15</b>
<b>3.1</b>	<b>Entendendo a rotina produtiva de uma redação de telejornalismo metodologia e análise de dados.....</b>	<b>15</b>
<b>3.2</b>	<b>O Jornalismo e a coprodução durante a pandemia.....</b>	<b>18</b>
<b>4.</b>	<b>METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>22</b>
<b>4.1</b>	<b>Metodologia.....</b>	<b>22</b>
<b>4.2</b>	<b>Os desafios dos jornalistas da tv paraíba na produção de matérias jornalísticas durante a pandemia da covid-19.....</b>	<b>23</b>
<b>4.2.1-</b>	<b>Análise descritiva da reportagem “Dia mundial do Chocolate; produto é apreciado por milhões de brasileiros” .....</b>	<b>25</b>
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>6.</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>
<b>7.</b>	<b>APÊNDICE.....</b>	<b>35</b>

# DE TELESPECTADOR A COPRODUTOR: COMO A AUDIÊNCIA CONTRIBUIU PARA O JORNALISMO DA TV PARAÍBA NO INÍCIO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Lídice Anny de Medeiros Pegado<sup>1</sup>

## Resumo:

O presente artigo tem como objetivo analisar os impactos da pandemia do novo coronavírus na rotina de produção da redação da TV Paraíba, afiliada à rede Globo em Campina Grande. Para o estudo foram utilizadas a análise descritiva e a entrevista semiestruturada, que levaram a compreender o que mudou na redação da referida emissora, como foi a fase de adaptação dos profissionais e qual a importância da audiência participativa no processo de produção da notícia diária. O estudo foi feito com base no período de início da pandemia. Para nortear a realidade sanitária no país, foi realizado um levantamento da situação pandêmica no Brasil. Além disso, foram discutidos conceitos como jornalismo digital, newsmaking, gatekeeping, audiência participativa e coprodução, que ajudou a compreender o impacto da pandemia nas redações, como o trabalho pode ter sido dificultado e quais foram os principais desafios das equipes da emissora, localizada em Campina Grande, na Paraíba. Com a finalização do estudo, pudemos concluir que a realidade dentro da redação da emissora foi totalmente modificada com a pandemia, e que a participação da audiência, através da coprodução, foi fundamental para a exibição dos telejornais no dia a dia.

**Palavras-chave:** Pandemia. Coronavírus. Telejornalismo. Audiência Participativa. Coprodução. Teorias do Jornalismo.

## Summary:

This article aims to analyze the impacts of the pandemic of the new coronavirus on the production routine of the newsroom of TV Paraíba, affiliated with the Globo network in Campina Grande. For the study, descriptive analysis and semi-structured interviews were used, which led to an understanding of what changed in the writing of this station, how was the adaptation phase of the professionals and the importance of the participatory audience in the process of producing daily news. The study was made on the basis of the period on the beginning of the pandemic. To guide the health reality in the country, a survey of the pandemic situation in Brazil was carried out. In addition, concepts such as digital journalism, newsmaking, gatekeeping, participatory audience and co-production were discussed, which helped to understand the impact of the pandemic on newsrooms, how the work may have been hindered and what were the main challenges of the station's teams, located in Campina Grande, Paraíba. With the finishing of the study, we were able to conclude that the reality within the newsroom of the station was totally modified with the pandemic, and that the participation of the audience, through co-production, was fundamental for the exhibition of television news on a daily basis.

**Word-key:** Pandemic. Coronavirus. News broadcasting. Participatory Hearing. Coproduction Theories of the Journalism.

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.

## 1 INTRODUÇÃO

O jornalismo vem passando por diversas modificações ao longo da sua história. Com a tecnologia, essas mudanças têm sido significativas, mas um fator acelerou ainda mais o processo de evolução: a pandemia do novo coronavírus, que surgiu no Brasil em março de 2020.

De acordo com o Ministério da Saúde, o primeiro caso de Covid-19 surgiu no Brasil no dia 26 de fevereiro de 2020 e o vírus se propagou com muita velocidade, transformando o cenário do país em pandemia com poucos dias depois do surgimento do primeiro caso.

Os profissionais, principalmente as equipes de reportagem, precisaram trabalhar sem sair das redações, evitando encontrar os entrevistados presencialmente e fazendo matérias com arquivos enviados pelos próprios entrevistados, que deixaram de ser audiência para se tornarem parte da produção jornalística no dia a dia das redações. O uso do celular se tornou essencial para que as emissoras continuassem levando notícia aos seus telespectadores.

Diante de um cenário pandêmico, onde a principal forma de se prevenir era manter distância das pessoas, como fazer jornalismo sem o contato físico e presencial com as fontes e com os personagens? Como garantir que as notícias exibidas na televisão teriam padrão de qualidade e informações suficientes, dependendo de pessoas que não são profissionais da comunicação? O que é audiência participativa e como ela foi essencial para a construção dos noticiários diários? O que mudou nas rotinas de produção com a pandemia e o distanciamento social?

O presente artigo tem como objetivo explicar como o telespectador se tornou parte do dia a dia da redação da TV Paraíba, afiliada à Rede Globo em Campina Grande, no início da pandemia, passando a ser o que chamamos de coprodutor. Também será possível compreender como o jornalismo aconteceu em um período de dificuldades de produção. Para isso, além de estudar teoricamente sobre o assunto, foram utilizadas a técnica da entrevista semiestruturada e análise descritiva para apontar como a produção de conteúdo da TV em questão, aconteceu na prática.

A seguir, o leitor deste artigo poderá compreender o processo de início e evolução da pandemia no Brasil e as mudanças que ela trouxe, além de entender princípios básicos das teorias do jornalismo, como gatekeeping, newsmaking, e ainda adentrar nas discussões que envolvem jornalismo móvel e audiência participativa

As metodologias utilizadas foram a análise descritiva, utilizando como objeto de análise uma reportagem feita por celular, com a contribuição de cinco entrevistados, e a entrevista semiestruturada, baseada na experiência de três profissionais da TV Paraíba que participaram diretamente da produção da reportagem analisada.

A escolha da matéria “Dia mundial do chocolate; produto é apreciado por milhares de brasileiros”, exibida no dia 7 de julho de 2020, se justifica devido a diversos fatores. O primeiro deles, é o fato de ter tido cinco entrevistados e todos eles enviaram suas próprias entrevistas feitas pelo celular. Além disso, alguns também enviaram imagens de apoio. Outro motivo para a escolha da matéria foi o fato de eu ter participação na produção, enquanto estagiária da emissora à época.

## 2 A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS E A MUDANÇA NAS ROTINAS DO BRASIL

O SARS-CoV-2, é um vírus da família do coronavírus que causa a Covid-19, uma doença infecciosa que pode levar à morte. Ele surgiu no final do ano de 2019, em Wuhan, na China e se manifesta de diversas formas, desde pessoas assintomáticas, até aquelas que

apresentam sintomas mais graves como tosse, falta de ar, febre, comprometimento pulmonar, dentre outros, necessitando, muitas vezes, de internação. Milhões de pessoas não resistiram à gravidade da doença, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), através de divulgação pela secretaria de Saúde do Paraná, no dia 17 de dezembro de 2021 o mundo tinha 271.963.258 casos de Covid-19 confirmados, já o número de mortes confirmadas era de 5.331.019. (PARANÁ, 2021)<sup>2</sup>.

Os pacientes com complicações graves da doença Covid-19, cerca de 15%, em sua maioria são internados e apresentam comprometimento pulmonar. Já 5% do total de casos, desenvolve um quadro crítico e pode apresentar o comprometimento de um ou mais órgãos:

De acordo com o que foi documentado até o momento [agosto de 2020], sabe-se que 40% dos casos de COVID-19 desenvolvem sintomas leves (febre, tosse, dispneia, mialgia ou artralgia, odinofagia, fadiga, diarreia e dor de cabeça), 40% têm sintomas moderados (pneumonia), 15% desenvolvem manifestações clínicas graves (pneumonia grave) que exigem oxigenoterapia, e 5% desenvolvem um quadro clínico crítico apresentando uma ou mais das seguintes complicações: (2-5) insuficiência respiratória, síndrome do desconforto respiratório agudo (SDRA), sepse e choque séptico, tromboembolismo e distúrbios de coagulação (6-9) e/ou insuficiência de múltiplos órgãos, incluindo insuficiência renal aguda (10-13), insuficiência hepática (13, 14), insuficiência cardíaca, choque cardiogênico, miocardite (15-17), ou acidente cerebrovascular (18, 19), entre outros. Além disso, também foram documentadas complicações atribuídas a procedimentos invasivos ou não invasivos durante o curso do manejo clínico do caso<sup>3</sup>. (OPAS, 2020, p. 2)

A Covid-19 é uma doença provocada por um tipo de coronavírus que ainda não havia sido identificado em seres humanos, ou seja, é uma doença respiratória nova. Esse vírus pode se propagar de pessoa para pessoa por meio de gotículas do nariz ou da boca que se espalham quando alguém doente tosse ou espirra, por contato em superfícies contaminadas e também por aerossóis:

[...] disseminação de pessoa a pessoa do coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2) ocorre principalmente por gotículas respiratórias, semelhante à disseminação da influenza. Com a transmissão de gotículas, o vírus liberado nas secreções respiratórias quando uma pessoa com infecção tosse, espirra ou fala pode infectar outra pessoa se entrar em contato direto com as membranas mucosas; a infecção também pode ocorrer se uma pessoa tocar uma superfície infectada e depois tocar nos olhos, nariz ou boca. (MCINTOSH, 2020, p. 03)

O primeiro caso de coronavírus confirmado no Brasil foi em São Paulo, no dia 26 de fevereiro de 2020. Segundo o Ministério da Saúde, a pessoa acometida da doença era um homem de 61 anos. Neste período, o país já estava monitorando casos suspeitos e, além desta confirmação, nesse mesmo dia já havia outros vinte pacientes sendo acompanhados:

Até esta quarta-feira (26), 20 casos suspeitos de infecção pelo coronavírus são monitorados pelo Ministério da Saúde em sete estados do país (PB, PE, ES, MG, RJ, SP e SC). Nesta quarta-feira (26), o Brasil registrou o primeiro caso de coronavírus, em São Paulo. Ao todo, outros 59 casos suspeitos já haviam

---

<sup>2</sup> Disponível em: [https://www.saude.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2021-12/informe\\_epidemiologico\\_20\\_12\\_2021.pdf](https://www.saude.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-12/informe_epidemiologico_20_12_2021.pdf). Acesso em 8 dez 2021.

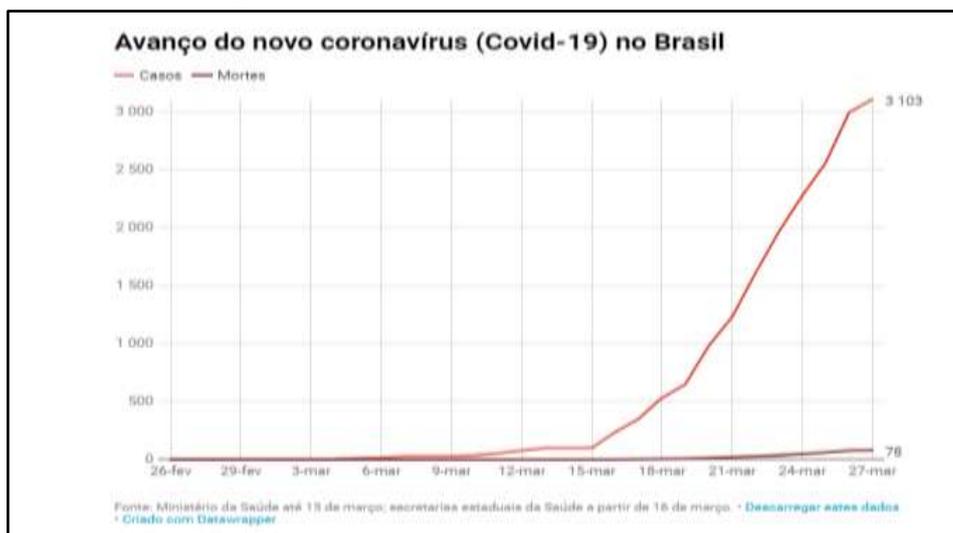
<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.paho.org/bra/dmdocuments/covid-19-materiais-de-comunicacao-1/Alerta%20epidemiologico%20-%20Complicacoes%20e%20sequelas%20da%20COVID-19.pdf>. Acesso em 8 de dez 2021.

sido descartados após exames laboratoriais apresentarem resultados negativos para o coronavírus.<sup>4</sup> (UNASUS, 2020, n.p.)

Os dados do Ministério da Saúde, divulgados no Portal G1, em 27 de março de 2020, apontaram que um mês depois da confirmação da doença no Brasil, já haviam sido diagnosticados mais 3.103 e 78 mortes confirmadas.

O gráfico feito pelo G1, com os números divulgados pelo Ministério da Saúde, mostra que no dia 26 de fevereiro o primeiro caso foi confirmado, mas a partir do dia 6 de março a linha começa a crescer. Já a partir do dia 15, quando ainda tinham números em abaixo de 500 casos, o registro começa a crescer rapidamente, atingindo 3.103 casos até o dia 27 do mesmo mês.

Gráfico 1 - evolução dos casos de Covid-19 no Brasil em um mês e 20 dias



Fonte:G1-

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/26/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-26-de-marco.ghtml>

No Brasil, até o dia 7 de dezembro de 2021, havia mais de 22 milhões de casos confirmados e mais de 616 mil mortes. Pode-se analisar no gráfico extraído do Google, cujos números são alimentados diariamente pelo consórcio de imprensa<sup>5</sup> da Covid-19 nos estados, a quantidade exata de casos e mortes até a data supracitada.

Gráfico 2 - Total de casos e mortes confirmados desde o início da pandemia até o dia 7 de dezembro de 2021.



Fonte: GOOGLE - <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F015fr&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>. Acesso em 8 dez 2021.

<sup>5</sup> O Consórcio de Veículos de Imprensa é uma parceria estabelecida entre os veículos de imprensa brasileiros O Estado de S. Paulo, G1, O Globo, Extra, Folha de S. Paulo e UOL para informar dados da pandemia de COVID-19 no Brasil recebidos das secretarias estaduais de saúde.

Com o contágio semelhante ao da influenza<sup>6</sup>, a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomendou vários cuidados individuais como forma de contribuir para uma menor disseminação do coronavírus. Utilizar máscara, higienizar superfícies onde muitas pessoas podem tocar, desinfetar as mãos com álcool e manter distanciamento social foram comportamentos que se tornaram rotineiros na sociedade de todo o mundo.

No site da OMS foi publicado um texto com orientações como lavar as mãos com água e sabão, ou higienizar com álcool, a fim de matar o vírus que pode estar nas mãos; manter um metro de distância entre você e a pessoa que estiver tossindo ou espirrando; evitar tocar nos olhos, nariz e boca; certificar-se de que as pessoas ao redor seguem boa higiene respiratória; ficar em casa se não se sentir bem; no caso de pessoas doentes, evitar ou adiar viagens; monitoramento de 14 dias dos viajantes que retornaram de áreas afetadas pela Covid-19. Nesta mesma publicação também foram anexados dois infográficos ensinando às pessoas a como fazerem a fricção antisséptica das mãos usando álcool, além de como lavar as mãos com água e sabão.

Gráfico 3 – Orientação da OMS às pessoas para higienizarem as mãos como forma de prevenção à Covid-19.



Fonte: SBPT - Sociedade Brasileira De Pneumologia E Tisiologia - <https://sbpt.org.br/portal/covid-19-oms/>

Durante a pandemia, o uso de máscaras se tornou indispensável, uma vez que o coronavírus é disseminado principalmente através do ar. Na publicação de orientações da OMS também consta uma explicação de como utilizá-la. O texto não tem data de publicação, mas acredita-se que foi publicado logo no início da pandemia, uma vez que a recomendação da máscara ainda era apenas para profissionais da saúde, cuidadores e pessoas com sintomas da doença.

No Brasil, em 13 de maio de 2020, a Câmara dos Deputados aprovou a obrigatoriedade do uso de máscaras em todo o país. Uma matéria do G1, de 19 de maio do mesmo ano, traz o seguinte trecho: “A Câmara aprovou nesta quarta-feira (13) um

<sup>6</sup> É a transmissão da infecção por meio de gotículas respiratórias menores (aerossóis) contendo vírus e que podem permanecer suspensas no ar.

projeto de lei que obriga o uso de máscaras em locais públicos e privados acessíveis à população enquanto durar a emergência de saúde pública causada pelo novo coronavírus. Com a aprovação na Câmara, o texto seguirá para apreciação do Senado”.<sup>7</sup> (G1, 2020, n.p.)

Antes de o coronavírus chegar ao Brasil, um decreto federal foi publicado em 6 de fevereiro de 2020, relacionando as principais medidas preventivas que poderiam ser adotadas por toda a população, levando em consideração a emergência de saúde pública que começara a afetar outros países desde novembro de 2019. No documento tinham medidas como o isolamento social e o uso obrigatório de máscaras. A determinação era da Lei Nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. (BRASIL, 2020a)

Em seu artigo terceiro a lei traz a seguinte determinação:

Para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional de que trata esta Lei, as autoridades poderão adotar, no âmbito de suas competências, entre outras, as seguintes medidas: I - isolamento; II - quarentena; III - determinação de realização compulsória de exames médicos, testes laboratoriais, coleta de amostras clínicas, vacinação e outras medidas profiláticas, ou tratamentos médicos específicos; uso obrigatório de máscaras de proteção individual; (Incluído pela Lei nº 14.019, de 2020). (BRASIL, 2020a, n.p.)

O isolamento social foi uma das medidas adotadas no mundo. Com a rápida disseminação do coronavírus, diversos países aderiram ao *lockdown*<sup>8</sup> no primeiro semestre de 2020. O Portal G1 apontou, em maio de 2020, que chegava a 83% o percentual de países a adotarem a restrição de circulação de pessoas.

Os países que adotaram lockdown foram África do Sul, Alemanha, Argentina, Austrália, Canadá, China, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, França, Índia, Irã, Israel, Itália, Líbano, México, Nova Zelândia, Reino Unido, Rússia e Singapura. Os que fizeram isolamento vertical são Coreia do Sul, Suécia e Turquia (*leia mais abaixo*). O 24º país da lista, o Japão, adotou recomendação de isolamento, mas sem ato normativo e, portanto, não entrou em nenhuma destas classificações<sup>9</sup>. (G1, 2020, n.p.)

Esse mesmo levantamento do Portal G1, publicado no dia 18 de maio de 2020, mostrou que quase três meses depois do primeiro caso confirmado no Brasil, alguns estados já estavam adotando o *lockdown*.

A medida é decretada pelo poder público. No Brasil, ela foi implementada em alguns locais, como São Luis e outras três cidades do Maranhão; em quatro cidades no interior do Amazonas; Belém e outras 16 cidades do PA; e mais de 30 cidades do Tocantins. No estado de São Paulo, o governo diz que o protocolo está pronto, mas ainda não será adotado. O presidente Jair Bolsonaro é contra a medida<sup>10</sup>. (G1, 2020, n.p.)

O mundo foi surpreendido com uma realidade que mudou rotinas. As escolas precisaram de estratégias para tentarem dar aulas à distância, sem contato físico ou presencial; as celebrações religiosas começaram a ser realizadas sem público, e os fiéis

<sup>7</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/19/camara-aprova-uso-obrigatorio-de-mascara-em-todo-o-pais.ghtml>. Acesso em 09 mar 2022.

<sup>8</sup> Um lockdown, ou, em português, bloqueio total ou confinamento, é um protocolo de isolamento que geralmente impede o movimento de pessoas ou cargas.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/18/83percent-dos-principais-paises-afetados-pelo-coronavirus-adotaram-lockdown-aponta-levantamento.ghtml> - acessado em 8 de dezembro. Acesso em 8 dez 2021.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/18/83percent-dos-principais-paises-afetados-pelo-coronavirus-adotaram-lockdown-aponta-levantamento.ghtml>. Acesso em 8 dez 2021.

assistiam através das transmissões on-line; os shows, espetáculos e afins saíram dos palcos e ocuparam os espaços das *lives* nas plataformas digitais; alguns profissionais passaram a trabalhar em *home office*; reuniões se tornaram remotas.

No dia 28 de abril de 2020, o Ministério da Educação (MEC), através do Conselho Nacional de Educação (CNE), orientou estados, municípios e escolas sobre práticas a serem adotadas na pandemia.

Além disso, o CNE autorizou os sistemas de ensino a computar atividades não presenciais para cumprimento de carga horária de acordo com deliberação própria de cada sistema. O CNE listou uma série de atividades não presenciais que podem ser utilizadas pelas redes de ensino durante a pandemia. Meios digitais, videoaulas, plataformas virtuais, redes sociais, programas de televisão ou rádio, material didático impresso e entregue aos pais ou responsáveis são algumas das alternativas sugeridas.<sup>11</sup>(MEC, 2020, n.p.)

No dia 17 de março de 2020, o Governo do Estado da Paraíba divulgou as primeiras medidas que começaram a modificar a rotina das pessoas. (G1 PARAÍBA, 2020). No Diário Oficial do Estado (DOE) nº 17.770 do dia 20 de março, três dias depois, foi divulgada a antecipação das férias do meio do ano. Isso aconteceu antes da recomendação do MEC. O mesmo DOE também trouxe a suspensão do atendimento presencial das repartições públicas estaduais. (PARAÍBA, 2020)

O G1 Paraíba relacionou todas as medidas de segurança sanitárias publicadas no DOE de 17 de março de 2020, com recomendações como:

Fica SUSPENSO o atendimento presencial ao público externo nas repartições públicas estaduais, observadas as recomendações médicas de prevenção ao COVID-19, devendo-se dar preferência ao atendimento por telefone e e-mail; [...] Determinar a antecipação das férias escolares de toda rede pública estadual de ensino, para o período de 19/03/2020 até 18/04/2020; [...] Novas medidas poderão ser adotadas em função do cenário epidemiológico do Estado. (G1 PARAÍBA, 2020, n.p.)

No dia 21 de março de 2020, um novo documento foi publicado com outras medidas mais restritivas. O decreto Nº 40.135, publicado no DOE, recomendava em seu artigo primeiro:

Fica determinada a suspensão de missas, cultos e quaisquer cerimônias religiosas, pelo prazo de quinze dias, a partir da zero hora do dia 22 de março de 2020, passível de prorrogação, nas cidades que tenham casos de Coronavírus (COVID-19) confirmados e nas suas respectivas regiões metropolitanas. (PARAÍBA, 2020, p.2)

No artigo terceiro do mesmo decreto, recomendava que:

Fica suspenso, pelo prazo de quinze dias, a partir da zero hora do dia 22 de março de 2020, passível de prorrogação, nas cidades que tenham casos de Coronavírus (COVID-19) confirmados, e nas suas respectivas regiões metropolitanas, o funcionamento de: I - academias, ginásios e centros esportivos públicos e privados; II – shoppings, centros e galerias comerciais, bares, restaurantes, casas de festas, casas noturnas, boates e estabelecimentos similares; III – cinemas, teatros, circos, parques de diversão e estabelecimentos congêneres, públicos e privados; IV – agências bancárias e casas lotéricas; V – lojas ou estabelecimentos que pratiquem o comércio; VI – embarcações turísticas, de esporte e lazer, em todo o litoral. (PARAÍBA, 2020, p.2)

<sup>11</sup> Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia> . Acesso em 10 de dez de 2021.

Com a disseminação do vírus ao passar dos dias, as medidas foram ficando ainda mais restritivas. Quem saía de casa para trabalhar era quem realmente precisava e, principalmente, quem trabalhava em serviços considerados essenciais, ou seja, atividades que visam impedir que uma eventual paralisação dos serviços prejudique a aquisição de bens e de insumos destinados ao enfrentamento do Covid-19. Tais atividades têm como propósito a garantia e a continuidade de serviços indispensáveis à população. Ao serem classificados como essenciais, as atividades e serviços podem continuar em operação mesmo durante restrição ou quarentena em razão do vírus. A imprensa, por meio da edição do decreto nº 10.288, de 22 de março de 2020, que regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, definiu as atividades e os serviços relacionados à imprensa como essenciais. Tal decreto destaca a importância da informação no enfrentamento da pandemia. (BRASIL, 2020b, n.p.)

Ainda no artigo terceiro da Lei Nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, foram incluídos como serviços essenciais:

§ 1º Para efeitos do disposto no **caput** deste artigo, são considerados profissionais essenciais ao controle de doenças e à manutenção da ordem pública: (Incluído pela Lei nº 14.023, de 2020) I - médicos; II - enfermeiros; III - fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e profissionais envolvidos nos processos de habilitação e reabilitação; IV - psicólogos; V - assistentes sociais; VI - policiais federais, civis, militares, penais, rodoviários e ferroviários e membros das Forças Armadas; VII - agentes socioeducativos, agentes de segurança de trânsito e agentes de segurança privada; VIII - brigadistas e bombeiros civis e militares; IX - vigilantes que trabalham em unidades públicas e privadas de saúde; X - assistentes administrativos que atuam no cadastro de pacientes em unidades de saúde; XI - agentes de fiscalização; XII - agentes comunitários de saúde; XIII - agentes de combate às endemias; XIV - técnicos e auxiliares de enfermagem; XV - técnicos, tecnólogos e auxiliares em radiologia e operadores de aparelhos de tomografia computadorizada e de ressonância nuclear magnética; XVI - maqueiros, maqueiros de ambulância e radiotelegrafistas; XVII - cuidadores e atendentes de pessoas com deficiência, de pessoas idosas ou de pessoas com doenças raras; XVIII - biólogos, biomédicos e técnicos em análises clínicas; XIX - médicos-veterinários; XX - cozeiros, atendentes funerários, motoristas funerários, auxiliares funerários e demais trabalhadores de serviços funerários e de autópsias; XXI - profissionais de limpeza; XXII - profissionais que trabalham na cadeia de produção de alimentos e bebidas, incluídos os insumos; XXIII - farmacêuticos, bioquímicos e técnicos em farmácia; XXIV - cirurgiões-dentistas, técnicos em saúde bucal e auxiliares em saúde bucal; XXV - aeronautas, aeroviários e controladores de voo; XXVI - motoristas de ambulância; XXVII - guardas municipais; XXVIII - profissionais dos Centros de Referência de Assistência Social (Cras) e dos Centros de Referência Especializados de Assistência Social (Creas); XXIX - servidores públicos que trabalham na área da saúde, inclusive em funções administrativas; XXX - outros profissionais que trabalhem ou sejam convocados a trabalhar nas unidades de saúde durante o período de isolamento social ou que tenham contato com pessoas ou com materiais que ofereçam risco de contaminação pelo novo coronavírus. (BRASIL, 2020a, n.p.)

Como pode ser observado, a imprensa não está incluída na lei supracitada, cujo decreto foi publicado no dia 20 de março de 2020. Foi só no dia 22 de março de 2020, no decreto nº 10.288, de 22 de março de 2020, em uma edição extra do DOE, que ficou definido como essenciais as atividades e os serviços da imprensa como medida de enfrentamento à pandemia de Covid-19. De acordo com o texto, deverão ser resguardados o exercício pleno e o funcionamento de todos os meios de comunicação e divulgação disponíveis.

Art. 4º São considerados essenciais as atividades e os serviços relacionados à imprensa, por todos os meios de comunicação e divulgação disponíveis, incluídos a radiodifusão de sons e de imagens, a internet, os jornais e as revistas, dentre outros. (BRASIL, 2020b, n.p.)

Assim, o jornalismo precisou se reconfigurar para não deixar de informar diante de tantas recomendações que acabaram limitando o trabalho diário. Alguns profissionais, principalmente aqueles que trabalham em portais ou sites on-line através do computador e da internet, sem necessariamente precisarem de estar dentro de uma redação, passaram a trabalhar em *home office*, uma vez que as entrevistas poderiam ser realizadas à distância, já que não era necessário utilizar foto ou vídeo do entrevistado. Mas nas televisões, isso não era possível, afinal, como se faz telejornal de casa? Como exercer jornalismo sem poder encontrar os entrevistados? Sem ir até a casa de alguém gravar uma entrevista? Ou até mesmo sem ir às ruas, já que a recomendação era não sair de casa e manter distanciamento social? Essa situação completamente nova exigiu que os jornalistas buscassem novas formas de atuação, elaborando novas rotinas produtivas que contribuíssem para criação do telejornal. Tal contexto exigiu flexibilidade, resiliência e criatividade por parte de muitos profissionais.

### 3 O que mudou nas redações de jornalismo durante a pandemia?

#### 3.1 Entendendo a rotina produtiva de uma redação de telejornalismo

A rotina jornalística é muito mais do que simplesmente noticiar. Por trás da notícia, existe um processo de produção diário, onde se percebem algumas teorias do jornalismo que serão detalhadas mais adiante neste capítulo.

Primeiramente, é preciso compreender o que são rotinas produtivas e como funcionam as redações jornalísticas. Segundo Assis (2017), todo jornalista que trabalha em redação segue padrões.

[...] seja como funcionário de um veículo ou como “freela”, seja agindo em curto ou em longo intervalo de tempo, o jornalista não age como bem entende; ele segue padrões (muitos estipulados em manuais de redação), orientações e horários previamente definidos, ainda que o cômputo de horas trabalhadas possa admitir “extras” a serem remunerados à parte ou a serem revertidos em descanso. Logo, com mais ou com menos rigidez no regime trabalhista, todos os que prestam serviços à imprensa têm um ritual próprio a ser cumprido. (ASSIS, 2017, p.46)

Nesse ritual existem diversos profissionais envolvidos na construção da notícia, até que a mensagem chegue ao seu formato final, que é noticiada pelo apresentador, no caso do telejornalismo. Para a mensagem ser finalizada, Coutinho (2009) explica que o processo é um conjunto de diversas tecnologias e vários profissionais envolvidos na construção da informação.

As matérias e reportagens veiculadas são um olhar mediado por diversas tecnologias (de captação, edição, transmissão), profissionais (pauteiros, repórteres, cinegrafistas, editores, apresentadores) e ainda por rotinas produtivas que buscam reconstituir “– o que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo” (COUTINHO, 2009, p. 107).

No dia a dia, reuniões de pauta são feitas entre as equipes da redação. Esses debates têm o objetivo de nortear o que será feito para aquele dia ou aquela semana. Os profissionais sugerem e selecionam os assuntos mais relevantes para a sociedade. Bittencourt (2017) explicou como acontece na prática:

Em televisão ninguém trabalha sozinho. Por mais enxuta que seja a emissora, sempre teremos uma equipe. A reunião de pauta é o momento de encontro com

a equipe. Produtores, editores, chefe de reportagem, repórteres e cinegrafistas (esses dois últimos se não estiverem em externa) se encontram nesse momento para discutir às possibilidades para o jornal do dia ou do dia seguinte. Na reunião de pauta cada um, principalmente os produtores e editores, devem sugerir pautas. Elas serão analisadas por todos e, a partir da decisão da maioria (com o aval do editor chefe) serão definidas às prioridades (BITTENCOURT, 2017, p. 18).

Não dá para desassociar as reuniões de pauta dos critérios de noticiabilidade e dos valores-notícia. Segundo Kuhn (2015), essas duas teorias são, de certa forma, um mapa cultural utilizado pelos jornalistas na seleção primária dos acontecimentos. Esses valores-notícia formam os critérios de noticiabilidade utilizados no interior das rotinas profissionais para a seleção do que será noticiado.

A produção da notícia começa com a ideia da pauta, que podemos definir como sendo o assunto da matéria. Antes de o produtor ou editor pautar, a equipe leva em consideração a relevância social que aquele assunto tem para o público que consome as informações do veículo de comunicação.

Bittencourt (2017) desenvolveu uma apostila de treinamento, onde detalhou o que é pauta e como ela pode ser pensada ou escolhida.

A pauta é o tema, aquela ideia inicial, uma história, uma denúncia, um assunto novo, algo que merece ser aprofundado ou um acontecimento. A partir da ideia inicial devemos pensar se ela é interessante ao nosso público e por quê as pessoas gostariam de vê-la na televisão. Antes de decidir por apostar na pauta você deve pensar se a proposta está realmente ligada ao que a maior parte do público alvo da emissora gostaria de ver e saber (BITTENCOURT, 2017, p. 19).

Quando falamos em pauta, também a dividimos em duas “categorias”, que são aquelas factuais ou frias. Na apostila Bittencourt (2017) ainda esclareceu que factuais (também chamadas de pautas quentes) são aquelas não planejadas, são acompanhamentos de fatos que acontecem no dia a dia e possuem menor exigência de qualidade. As não-factuais, ou frias, são aquelas premeditadas, produzidas e por isso possuem maior exigência de qualidade.

Depois da fase de pensar na pauta, o produtor começa a fase de materializá-la. É desse profissional a função de definir os entrevistados ideais para a matéria pensada. Após essa escolha, o produtor entra em contato para agendar as entrevistas. Bittencourt (2017) explica que esse trabalho é necessário para tentar evitar imprevistos quando as equipes estão em campo:

A produção também deve providenciar autorizações para gravar em determinados locais. Deve fazer todo o meio de campo necessário para que, quando a equipe de reportagem saia da redação, haja o menor número de imprevistos possíveis. Cabe à produção fazer o resumo dos acontecimentos, agrupar os dados dos entrevistados, explicar o objetivo da reportagem e o foco que deve ser dado à matéria e fornecer materiais de apoio (BITTENCOURT, 2017, p. 34).

Com a pauta escrita e os entrevistados definidos, o próximo passo consiste nas gravações e construção da reportagem feita pelo repórter e cinegrafista. Bittencourt (2017) afirmou que existem as diversas possibilidades de formatos de matérias, mas a

reportagem é o grande produto jornalístico. Deve ser composta por OFF<sup>12</sup>, Passagem<sup>13</sup> e sonora<sup>14</sup>.

Quando o repórter volta para a redação com o material gravado e o texto do off pronto, começa a edição, que normalmente é feita pelo editor de texto e editor de imagem. Sobre esse processo, Bittencourt (2017) afirmou, na apostila desenvolvida para orientar as equipes na prática, que o trabalho do editor de texto é selecionar o que há de melhor nas entrevistas e nas imagens para ser exibido. Portanto, todo o material de áudio e imagem são passados para o editor de imagens que, junto ao editor de texto, vai montar a reportagem.

Souza (s.d.) explica como é, na prática, a diferença entre a função do repórter e do editor de texto. Raramente o editor vai às ruas apenas em busca de material. Esse papel pertence ao repórter, que é responsável por colher dados sobre os acontecimentos pautados – excluindo-se nesse caso os episódios imprevistos – e é dele, assim, a primeira seleção daquilo que será levado ao público.

Com as matérias feitas, o espelho do jornal começa a ser montado na ordem que será apresentado. Neste processo, Bittencourt (2017) explicou que é papel do editor-chefe acompanhar e modificar constantemente o espelho, e que embora todos os editores possam inserir informações e atualizá-las, o editor-chefe é quem dá a palavra final em relação ao espelho do telejornal.

Para finalizar o processo da rotina diária de uma redação de telejornalismo vem a apresentação, sendo essa a última parte do telejornal. Sobre isso, Bittencourt (2017) explicou que essa é a fase de materialização do espelho.

A apresentação ou ancoragem é a última parte do telejornal. É a materialização do espelho. É o apresentador ou âncora que irá chamar cada reportagem e criar um elo entre os assuntos abordados no telejornal. Muito comumente os apresentadores são os editores-chefes dos telejornais, não somente pela necessidade de estar a par de tudo que está sendo tratado no programa, mas também porque deve-se pensar no âncora como alguém mais experiente nas rotinas televisivas. (BITTENCOURT, 2017, p.35)

Por se tratar de um processo diário e que envolve vários profissionais, cada um com uma função diferente, Vizeu (2009), definiu a rotina de produção da notícia como um procedimento adotado pelos profissionais o tempo todo e, muitas vezes, de forma inconsciente.

Nas práticas diárias de produção da notícia é esse procedimento que os jornalistas adotam o tempo todo, muitas vezes de forma inconsciente. No “contexto teórico” de elaboração da informação, o repórter e/ou o redator assumem o papel de sujeitos cognoscentes da relação sujeito-objeto que se dá no contexto concreto para, voltando a este, melhor atuar como sujeitos em relação ao objeto. Consideramos que essa relação teoria/prática faz parte do método de apuração de uma matéria, de edição e de apresentação. (O Telejornalismo como lugar de referência e A função pedagógica. (VIZEU, 2009, p.79)

---

<sup>12</sup> O texto feito pelo repórter e gravado em cabine, somente com a voz e sem imagem, para narrar a informação e as imagens de uma reportagem, interligando o assunto às falas dos entrevistados.

<sup>13</sup> : A parte da reportagem em que o repórter aparece explicando determinado assunto, ou mostrando alguma coisa para compor a matéria.

<sup>14</sup> As falas gravadas de cada entrevistado.

Apesar de ser muitas vezes um processo inconsciente, os critérios de noticiabilidade têm que ser colocados em prática pelos profissionais. Esses critérios, no processo de rotinas de produção, são levados em consideração na hora de escolher o que noticiar e como noticiar. Para isso, as redações se apropriam do que as teorias da comunicação nomeiam como *gatekeeper* e *newsmaking*, elementos que norteiam os conteúdos de relevância que serão produzidos até chegar ao receptor da mensagem.

Segundo Silva e Gomes (2009), dentro do processo de produção da notícia, o *gatekeeping* é o elemento que elege as notícias que serão produzidas e publicadas, tendo como princípio a rotina dos emissores. Sobre este processo, Pereira Júnior (2003, p. 78) cita:

[...] primeiro questionamento que surge para pôr em causa a afirmação dominante no campo jornalístico, de que as notícias são como são porque a realidade assim as determina, é do *gatekeeping*. É um processo pelo qual as mensagens existentes passam por uma série de decisões, filtros (*gates*) até chegarem ao destinatário ou consumidor.

Se o *gatekeeping* funciona como um filtro, o *newsmaking* é o que define os critérios de notícia que devem ser levados em consideração para selecionar o que e como noticiar os fatos. Lazzaretti (2012), citando Wolf, aborda o *newsmaking* como a essência do jornalismo:

Wolf (2003) trabalha com a hipótese de que o *newsmaking* é um estudo ligado à essência do jornalismo como uma profissão. Para ele, o estudo do *newsmaking* passa, necessariamente, pela questão da noticiabilidade (critérios de seleção do que vai ser a notícia), ou seja, critérios de relevância (LAZZARETTI, 2012, p.13).

Dentro dessas perspectivas das teorias da comunicação, veremos adiante o que mudou no jornalismo durante a pandemia. Antes de mais nada, detalharemos o papel de cada função dentro das redações de telejornalismo para, posteriormente, entender como cada uma delas foi afetada e modificada pela pandemia.

### 3.2 O jornalismo durante a pandemia e a coprodução

Durante a pandemia da Covid-19, o jornalismo precisava cobrir o evento que o mundo vivenciava, mantendo o público informado, mas com as limitações de quem precisava seguir protocolos sanitários rígidos, para tentar não ser infectado. Ferrareto e Morgado (2020) mostraram a relação entre a crise e a necessidade de noticiar:

No caso do jornalismo, a pandemia de Covid-19 impõe desafios semelhantes aos da cobertura de uma guerra ou aos da atuação em zonas de conflitos urbanos entre autoridades policiais e criminosos. A regra básica é a mesma: a sobrevivência do profissional em primeiro lugar. Isso afeta um dos cânones da profissão: estar no palco do acontecimento para narrar as ações dos protagonistas com o máximo de detalhes possíveis. A possibilidade de contaminação e a necessidade de confinamento impõem uma nova atitude no caso de reportagens. (FERRARETO E MORGADO, 2020, p. 07)

O guia prático Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise, feito pelo Núcleo de Estudos de Rádio (Ner) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de Ferrareto e Morgado (2020), foi desenvolvido especialmente para as mídias sonoras, mas se adequa à realidade dos demais veículos de comunicação. No texto, Ferrareto e Morgado (2020) exploram a necessidade de se valorizar a comunicação em um período em que há uma rápida circulação de informações através da internet:

Há décadas, a sociedade começou processo acelerado de conexão baseado na convergência de conteúdos na forma de áudios, imagens, textos e vídeos,

compartilhados por profissionais e por leigos. A pandemia e a circulação de informações equivocadas a respeito de sua natureza e de seus efeitos dá a certeza de que se vive um momento de máxima necessidade de valorização da comunicação organizada e corretamente realizada. (FERRARETTO E MORGADO, 2020, p. 07).

Nas redações, os profissionais eram distribuídos dentro dos seus ambientes de modo que se cumprisse o distanciamento social. Siqueira, Neves e Moreira (2020) citaram como isso funcionou na prática, na TV Cabo Branco.

Nas redações jornalísticas, as mudanças foram desde a distribuição dos profissionais em seus postos de trabalho (para cumprir o distanciamento) até a realização das matérias nas ruas. A aproximação com os entrevistados, adentrar na casa de um personagem ou dividir o microfone com a fonte não são mais consideradas atitudes prudentes diante de uma doença infectocontagiosa (SIQUEIRA, NEVES E MOREIRA, 2020, p. 188)

A TV Cabo Branco, afiliada à Globo em João Pessoa-PB, é um exemplo de como uma emissora de televisão se adequou a essa realidade desconhecida, visando, sobretudo, proteger as pessoas. Siqueira, Neves e Moreira (2020) afirmam que na TV Cabo Branco foi preciso se reinventar e pensar formas de produzir os telejornais sem colocar em risco seus profissionais e a população.

O coprodutor é o cidadão que não é jornalista, mas que interfere direta ou indiretamente nas rotinas jornalísticas das redações. São eles que produzem, através dos próprios dispositivos móveis, para sugerir, denunciar e/ou contribuir com o jornalismo do dia a dia de forma voluntária. Apesar dessa definição, ainda existe um outro conceito utilizado para o jornalismo participativo, que é a audiência ativa. Silva, Monteiro e Vasconcelos (2020) explicam como essa audiência atua diretamente na coprodução.

É importante compreendermos também a audiência ativa, conceituada por Alves e Vizeu (2017), como o cidadão e/ou cidadã que atua de maneira direta como coprodutor do telejornal ou de um quadro existente no mesmo, enviando conteúdo em forma de vídeo, imagem, texto e áudio e, assim, acabam auxiliando e interferindo no trabalho (SILVA, MONTEIRO E VASCONCELOS, 2020, p. 52).

Não era a formatação ideal, mas contar com uma produção feita totalmente por cidadãos que não são jornalistas - que chamamos de coprodutores, era a mais viável para a realidade sanitária vivenciada durante a pandemia do coronavírus. Siqueira, Neves e Moreira (2020) mostraram isso na visão de um produtor:

Como chefe de produção, a Produtora 1 explicou que, a mudança mais drástica na hora de pensar na pauta foi abrir mão, com mais frequência, de imagens captadas por cinegrafistas profissionais e adotar os vídeos de telespectadores, que muitas vezes são de “baixa qualidade” (com resolução inferior, podendo apresentar problemas de enquadramento e iluminação e captação de áudio) para exibir nos programas. (SIQUEIRA, NEVES E MOREIRA, 2020, p. 204)

Uma das principais diferenças entre o jornalista e o telespectador (que contribui como coprodutor) é a compreensão das rotinas jornalísticas. Aqueles que vivenciam diariamente a rotina jornalística compreendem o que é notícia e como noticiar. Por isso, os desafios de fazer jornalismo na pandemia, com a ajuda de coprodutores, não foram apenas técnicos. Diversas orientações precisaram ser dadas aos coprodutores para falar o que é necessário, dentro dos critérios de noticiabilidade, e para produzir imagens coerentes com o que foi dito.

Ainda de acordo com Siqueira, Neves e Moreira (2020), se tornaram raros os casos em que os repórteres iam até a casa dos personagens para a gravação de reportagens, por isso, o produtor passou a exercer o papel de orientar esses coprodutores na hora de realizar

os vídeos, como forma de garantir uma qualidade mínima do conteúdo que seria usado na TV.

O jornalismo tem um papel fundamental na sociedade. Ele não só informa, como contribui para a formação de opinião através da realidade social a qual as pessoas estão inseridas. Provavelmente, é por causa dessa importância social que o jornalismo tem, que os telespectadores sentem a necessidade de não somente consumir, mas de fazer parte do processo da notícia.

Mesquita, Ceretta e Rêgo (2019) explicam que a audiência sempre teve anseio em ser mais participativa na produção jornalística, o que antes era dificultado por questões editoriais e por falta de acesso a equipamentos, no entanto, a chegada dos *smartphones* modificou essa questão.

O uso dos *smartphones* facilitou o contato das pessoas com as redações. Agora os cidadãos contribuem de forma mais efetiva enviando conteúdos e sugerindo pautas através de canais de comunicação com as redações. Esses telespectadores se sentem mais próximos e deixam de ser meros consumidores para se tornarem audiência participativa, contribuindo direta ou indiretamente com a produção de conteúdos.

É importante ressaltar que a audiência participativa é formada por cidadãos que, ao mesmo tempo em que buscam informar-se, atuam como coprodutores da notícia no envio de conteúdo como vídeos e fotos, por exemplo, para as redações jornalísticas. Também participam com sugestões de pauta, especialmente assuntos que envolvam o meio em que está inserido, como o bairro, por exemplo. (MESQUITA, CERETTA E RÉGO, 2019, p. 04).

As redações jornalísticas têm cada vez mais a participação do público, considerado audiência potente, graças ao avanço da tecnologia, que tem aproximado a redação e os chamados coprodutores. Silva (2013) colocava as inovações tecnológicas como fatores que influenciavam a relação dos jornalistas com o público.

As questões tecnológicas sempre foram fatores de forte influência na relação entre jornalistas e público. A utilização das inovações tecnológicas facilitou e modificou a rotina dos profissionais do telejornalismo. Mas, inicialmente, a informação era registrada e distribuída apenas pelos jornalistas uma vez que o público, mesmo que quisesse, ainda não tinha acesso aos aparelhos que possibilitavam essas atitudes. A história da TV no Brasil mostra que o público estava sempre um passo atrás das emissoras. (SILVA, 2013, p. 405)

Quando falamos em audiência potente, falamos de audiência participativa e opinativa, que quer contribuir com o tipo de informação que eles mesmos consomem. Mesquita (2014) menciona que o acesso aos diversos dispositivos tecnológicos vem modificando a forma de as pessoas se informarem.

O êxito da Internet e dos dispositivos móveis modificou a forma que as pessoas se acostumaram a se informar sobre a atualidade, e a natureza da informação jornalística. De periódica, a informação jornalística passou a ser onipresente. De um sistema “pull”, no qual o consumidor busca a notícia, caminha-se para um sistema “push”, onde as notícias buscam os consumidores, que além de eleger o que querem, decidem ainda como, quando e onde. (MESQUITA, 2014, p. 35)

A partir dessa concepção de que a audiência está cada vez mais participativa, surge um novo conceito que se insere nos estudos da comunicação, o *gatewatching*<sup>15</sup>, uma nova

---

<sup>15</sup> Gatewatching é um conceito para o processo de edição do conteúdo jornalístico. O termo foi cunhado, em 2005, pelo pesquisador australiano Axel Bruns para descrever um novo modelo de seleção noticiosa, onde as audiências têm papel ativo na escolha e construção das notícias por meio da atividade de curadoria e avaliação das informações fornecidas.

forma de pensar o selecionador de notícias, através da audiência participativa. Neste caso, Mesquita, Ceretta e Rêgo (2019), afirmam

Porém, com as tecnologias digitais, em ascensão nas últimas décadas, essa teoria [gatekeeping] passou a ser questionada. Bruns (2005), em oposição à teoria do gatekeeper, propõe que a concepção de gatewatching (observador dos portões) seja colocada no Telejornalismo “participativo” e a relação com a audiência, lugar das antigas teorias. Esse novo conceito é utilizado para descrever as práticas colaborativas da audiência na coprodução da notícia, que começaram a surgir junto com o desenvolvimento da internet em espaços como redes sociais, blogs, aplicativos de colaboração ou plataformas digitais. (MESQUITA, CERETTA e RÊGO, 2019, p. 04 e 05).

A partir disso, a interatividade e a colaboração fazem com que a audiência deixe de ser espectadora para ser participativa. Os cidadãos tornam-se coprodutores da notícia. Segundo Vizeu e Silva (2013), essa participação está cada vez mais efetiva.

O cidadão e a cidadã (audiência comunicativa, interativa) agora também participam de uma forma cada vez mais efetiva do processo jornalístico como coprodutores de notícias. Entenda-se aqui por coprodução qualquer forma de atuação de não profissionais nos fazeres da notícia, seja por meio de interatividade, colaboração, participação comprometida com o bem comum, com a cidadania ou simplesmente a participação pela participação. (VIZEU E SILVA, 2013, p. 404).

O estudo mais recente feito por Siqueira, Neves e Moreira (2020), relata de forma mais próxima o papel do coprodutor durante a pandemia do novo coronavírus. Em um estudo de caso feito da TV Cabo Branco, as autoras mencionaram a orientação de produção aos coprodutores como uma das novas fases de rotina de produção na pandemia.

Apesar da facilidade em conseguir personagens, relatado pelas três entrevistadas, há uma fase na rotina de produção que ganhou ênfase durante a pandemia: orientar os personagens para gravar seus vídeos, que serão exibidos nas reportagens. Por muito tempo o telespectador vem contribuindo na produção dos telejornais no Brasil, através de vídeos gravados com câmeras próprias e, nas últimas duas décadas, com o próprio celular, mostrando situações, denúncias e etc. Siqueira (2013) chama esses participantes de coprodutores, e afirma que eles não desempenham a função de jornalistas, mas de produção de informações visuais e audiovisuais, que intencionalmente ou não, captam cenas que acabam sendo exibidas nos telejornais. (SIQUEIRA, NEVES e MOREIRA, 2020, p. 206)

O principal aliado das redações, no que diz respeito à coprodução, é o jornalismo móvel. Esse é o tipo de produção feito através de qualquer dispositivo móvel capaz de gerar informação, na maioria das vezes multimídia, que está ao alcance da grande maioria das pessoas.

A tecnologia tem aproximado a audiência cada vez mais da produção jornalística. É através do digital que os telespectadores, ou a audiência ativa, que não somente sugere as pautas (denúncias, reclamações, exemplos do bem, etc), mas agora participa das mais diversas maneiras. São os dispositivos móveis que têm feito a diferença nesse processo.

Segundo Silva (2013 p.52), o jornalismo contemporâneo tem vivenciado um conjunto de transformações no processo de apuração, produção e distribuição de conteúdos, além de a própria relação com o público (interatividade, participação na produção, redes sociais).

A seguir, faremos um aprofundamento metodológico para entender, na prática, como esse contexto fez parte do processo de construção da notícia na redação da TV Paraíba durante a pandemia. Utilizaremos a análise de uma reportagem totalmente feita

pelo celular, com a contribuição direta dos entrevistados, além de entrevistas de profundidade com profissionais que vão explanar sua atuação e suas dificuldades neste período da história da humanidade.

## **4 - Metodologia e análise de dados**

### **4.1 - Metodologia**

Neste capítulo, iremos analisar o que mudou na rotina da redação da TV Paraíba no primeiro ano de pandemia do novo coronavírus. Para atingir o nosso objetivo, lançamos mão da pesquisa descritiva e da entrevista semiestruturada.

Segundo Prodanov e Freitas (2013), a análise e a interpretação dos dados desenvolvem-se a partir das evidências observadas, de acordo com a metodologia, com relações feitas através do referencial teórico e complementadas com o posicionamento do pesquisador. Além disso, os autores afirmam que a análise descritiva requer a construção de um conjunto de categorias descritivas, que podem ser fundamentadas no referencial teórico da pesquisa.

Já em relação à entrevista semiestruturada, que também pode ser denominada de entrevista semiaberta, o que norteia o pesquisador é um roteiro. Duarte e Barros (2005) explicam que:

(A entrevista semi-aberta é) Modelo de entrevista que tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse da pesquisa. Ela “parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem um amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVIÑOS, 1990, p.46 *apud* DUARTE E BARROS, 2005, p. 66)

Faremos, inicialmente, uma análise descritiva de uma reportagem que foi exibida na TV Paraíba, que teve a participação direta dos entrevistados na execução da matéria, cujas falas e imagens foram desenvolvidas completamente pelos próprios entrevistados que, neste caso, são a audiência que teve participação direta na produção, atuando como coprodutores.

A reportagem analisada, “Dia mundial do chocolate; produto é apreciado por milhões de brasileiros”, tem cinco minutos e 12 segundos e foi exibida no dia 7 de julho de 2020, no telejornal Bom Dia Paraíba. Essa matéria foi escolhida, pois foi uma das reportagens produzidas pela autora deste artigo (que à época fazia parte da produção do Bom Dia Paraíba), com equipe, durante o período de estágio na emissora. Além disso, foi uma matéria completamente feita com o auxílio dos entrevistados, que fizeram parte da produção da notícia de forma ativa. Ela não é uma matéria que aborda o assunto a pandemia, e também não é factual, ou seja, não é uma reportagem que precisou ser feita e exibida de forma rápida, pois não era do dia, mas sim, podendo ser feita de forma programada e elaborada, com mais tempo para a realização da produção. Vale ressaltar que essa é apenas uma reportagem de muitas que foram produzidas nesse formato no início da pandemia.

Essa matéria foi produzida e exibida no ápice do período pandêmico, pouco mais de três meses depois do início da pandemia no Brasil, em julho de 2020. As equipes de reportagem não saíam mais da redação para realizar nenhuma entrevista presencial. Nela contém todos os elementos necessários para uma reportagem, mas feitos com a colaboração dos entrevistados, que gravaram suas próprias falas/sonoras e filmaram as imagens que serviriam para ilustrar. Como foi explicado na página dez, esses são elementos que fazem parte de uma matéria de televisão.

Junto à análise, realizamos uma entrevista semiestruturada com um profissional de cada parte da produção jornalística. Eles explicaram como colocaram em prática a produção da pauta, na concepção da produtora Érica Ribeiro, entrevistada através de aplicativo de mensagens no dia 03 de março de 2022; o desenvolvimento da matéria, através da experiência do repórter Artur Lira, entrevistado dia 04 de março de 2022, por aplicativo de mensagens; e o processo de edição, com base no dia a dia de trabalho do editor de texto Gustavo Xavier, entrevistado no dia 1º de março de 2022, presencialmente.

Apesar de existirem outros profissionais envolvidos nas rotinas produtivas, como foi explanado no capítulo dois, a escolha dos três profissionais foi feita por eles serem considerados a parte essencial da materialização da reportagem.

#### **4.2 - Os desafios dos jornalistas da TV Paraíba na produção de matérias jornalísticas durante a pandemia da Covid-19**

Desde 2020, quando a pandemia afetou o Brasil, a coparticipação se tornou a saída de algumas redações para continuar noticiando diariamente. Neste momento houve a junção de coprodução e jornalismo móvel como parte da rotina jornalística diária.

Quando o produtor pensa em uma pauta, ele pensa em todo o contexto da reportagem que será exibida. Escolhe-se, então, quem são os personagens, onde eles podem ser entrevistados e quais elementos de imagens serão utilizados para ilustrar a reportagem. Com o objetivo de tentar proteger os profissionais e as pessoas de modo geral, as equipes de jornalismo precisaram contar com o apoio e a produção direta por parte do entrevistado/personagem, sendo assim, evitava-se que o repórter e o cinegrafista fossem às ruas. Neste momento, coprodução, por parte da audiência, e jornalismo profissional, por parte dos jornalistas da TV Paraíba, caminharam juntos.

Ao assistir os telejornais de quaisquer emissoras, fossem locais ou nacionais, uma das primeiras diferenças nítidas a se perceber foi o uso de máscaras por parte dos repórteres. Para os apresentadores não foi necessário adotar a medida, já que eles ficam dentro do estúdio somente com o cinegrafista, cumprindo o distanciamento social.

Outro ponto que também podemos observar, desta vez analisando especificamente na TV Paraíba, foi o uso de um segundo microfone para o entrevistado, quando havia a necessidade de a entrevista ser presencial. Isso fazia com que o repórter e o entrevistado estivessem a uma distância maior do que a habitual.

Apesar de os repórteres aparecerem de máscara, os apresentadores não usaram durante as apresentações dos telejornais. Na TV Paraíba, como o estúdio é relativamente grande, e no interior dele só permanecem o apresentador e um cinegrafista à distância, não se considerou necessário o uso de máscara durante a apresentação.

Ilustração 1 – apresentador do JPB2, Carlos Siqueira, apresentando o telejornal sem máscara no estúdio, onde estava somente ele e um cinegrafista à distância



Fonte: Print de tela – disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9067885/>

Ilustração 2 – Repórter Hebert Araújo entrevistando o então secretário de saúde do estado, Geraldo Medeiros, utilizando máscara e dois microfones, um para o repórter e um para o entrevistado, mantendo o distanciamento social.



Fonte: Print de tela – Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9067905/>

Outra ferramenta utilizada na logística das entrevistas ao vivo foi o *Skype*<sup>16</sup>, onde foi possível o repórter conversar por vídeo-chamada com o entrevistado. Em diversos casos, as chamadas foram conectadas e exibidas ao vivo, mas o formato também foi utilizado para entrevistas de reportagens.

Em diversas entrevistas, o entrevistado foi quem produziu o próprio vídeo, respondendo a perguntas enviadas pela produção e enviando também imagens de suporte para o que se chama de ilustra na matéria, que são as imagens de apoio para o off do repórter. A produtora da TV Paraíba, Érica Ribeiro, contou que os principais desafios estavam na adaptação e na checagem dos fatos.

Durante a pandemia, um dos maiores desafios foi me adaptar e também conseguir informações verídicas, apurar da própria redação por mensagens, por telefone ou por e-mail, porque quando a equipe vai no local, a gente consegue constatar muita coisa que não conseguimos via telefone (*Érica Ribeiro, entrevista realizada em 04 de março de 2022*).

O quesito adaptação também foi o primeiro desafio mencionado pelo editor de texto, Gustavo Xavier, que explicou que ninguém estava preparado para viver as rotinas produtivas de forma remota,

A gente não estava adaptado para exercer jornalismo à distância, de forma remota. Para a gente se adaptar e evitar que o repórter saísse da redação, não sabíamos nem como pedir ou como formatar o material vindo todo remoto. Com o tempo criamos mecanismos para tentar facilitar o nosso trabalho e no meu turno criamos uma lista com o formato que deveria ser utilizado, o tempo dos vídeos, etc. Lembro que no início chegamos a ficar sem produção porque realmente não sabia como fazer, mas com o tempo notamos que era algo fácil (*Gustavo Xavier, entrevista realizada em 01 de março de 2022*).

Essa medida fazia com que o repórter e o entrevistado não tivessem nenhum contato presencial, e todas as orientações para a construção da matéria fossem feitas de forma remota, através dos dispositivos móveis e da internet.

<sup>16</sup> é um software proprietário de mensagens e videoconferência, criado por Janus Friis e Niklas Zennstrom. O Skype está disponível em várias plataformas incluindo computadores, smartphones, tablets e consoles de videogame.

Apesar de terem orientação, não foram raros os casos em que o entrevistado precisou regravar e reenviar os vídeos feitos por ele, mas nem sempre isso foi possível. O repórter Artur Lira explicou que em algumas circunstâncias, regravar era possível, mas em outras, o material que chegava era o que o repórter tinha que utilizar para concluir a matéria.

As vezes o enquadramento da imagem não estava bom, as vezes muito fora do nível, ou cortando uma parte da cabeça, o áudio distante, ou com muito barulho ao redor. Essa possibilidade de refazer depende muito do tipo de matéria. Quando é uma matéria produzida com tempo disponível, agendamento, isso sim é possível. Mas, por exemplo, quando o assunto é um fato que aconteceu na hora e foi gravado com que acontecia na hora como um crime, um flagrante (Artur Lira, entrevista realizada em 05 de março de 2022).

Os profissionais que foram escolhidos para serem entrevistados participaram diretamente da produção da reportagem analisada, enviando imagens e entrevistas que foram a base da reportagem. Por esta razão, foram eles os escolhidos para a pesquisa desenvolvida.

A seguir, analisaremos uma reportagem exibida nas TVs Paraíba e Cabo Branco, com imagens feitas pelo celular, sem nenhum tipo de contato físico com qualquer um dos entrevistados.

#### **4.2.1- Análise descritiva da reportagem “Dia mundial do Chocolate; produto é apreciado por milhões de brasileiros”**

Essa foi uma das reportagens que a autora contribuiu enquanto estagiária da TV Paraíba. Ela foi produzida no início de julho e exibida em 7 julho de 2020. Devido ao fato de ter feito parte da produção, esse foi um dos motivos da escolha da reportagem. Outro fator que foi crucial na escolha da reportagem foi a questão dela ter sido feita exclusivamente sem sair da redação.

A autora e a outra colega de estágio, Carol Diógenes, fizeram parte da equipe do telejornal Bom Dia Paraíba, que é exibido de segunda-feira à sexta-feira, das 6h às 8h30. Pensamos na pauta especial para o dia do chocolate. Entramos em contato com os entrevistados que tinham o perfil do que idealizamos para a reportagem, orientando-os a fazer vídeos com as devidas orientações, tanto para as sonoras quanto para as imagens de apoio.

A reportagem foi produzida em homenagem ao dia do chocolate, comemorado no dia 7 de julho. Ela teve a participação de duas personagens, que relataram serem viciadas em chocolate por sentirem sensação de bem-estar; com um psicólogo, que explicou como o chocolate causa sensações de prazer ao ser consumido; e com duas empresárias que trabalham com chocolate, que relataram como é o mercado e que tipo de chocolate consumir.

Todos eles apareceram sem máscara, pois estavam sozinhos e fazendo seus próprios vídeos. Além disso, duas delas, que são as especialistas em produzir receitas de chocolate, enviaram imagens de apoio. O repórter da reportagem, Artur Lira, não apareceu em nenhum momento, apenas produziu o off que narrou a matéria e norteou as falas.

A primeira parte da matéria começa com um off do repórter Artur Lira, ilustrada por uma imagem de arquivo que representou uma ansiedade generalizada no meio da pandemia. Nela o editor de imagens usou um efeito trêmulo para causar a sensação de tensão narrada pelo repórter.



Fonte: Print de tela – disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8679241/>

O repórter Artur Lira explicou a importância de fazer as reportagens indo ao local como sendo essencial para garantir as imagens da história que será contada nas reportagens.

O grande desafio é que pra que o jornalista possa contar bem as histórias ele precisa não só saber das informações, mas sentir, estar perto. A pandemia em muitos momentos nos tirou esse contato. O que acontecia é que, como a recomendação da OMS era manter o distanciamento social, a gente evitava encontrar com as pessoas. E para televisão a imagem é o principal. Sem imagem a informação se reuse ao jornalista aparecendo na tela e relatando o fato (Artur Lira, entrevista realizada em 05 de março de 2022).

Logo em seguida, entra a fala da primeira entrevistada e coprodutora da matéria, Mariana Monassa, que fala sobre a sensação de conforto e tranquilidade que o chocolate traz para si quando consome o produto. A fala foi gravada por ela mesma, pelo celular. Por isso, é possível observar que ela está sem o uso de máscara.

Ilustração 4 – Primeira entrevistada da matéria



Fonte: Print de tela – disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8679241/>

Em seguida, entra a fala da segunda entrevistada, Nathália Pinto, que afirma estar comendo mais chocolate do que o habitual durante a pandemia. Ela também fez, enquanto gravava a si mesma pelo celular, uma imagem de apoio que serviu como parte da imagem de apoio da reportagem.

Ilustração 5 – Segunda entrevistada



Fonte: Print de tela – disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8679241/>

Ilustração 6 – imagem de apoio feita pela segunda entrevistada



Fonte: Print de tela - disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8679241/>

As imagens de arquivo só passaram a ser orientadas e pedidas aos entrevistados com o passar do tempo e fez parte do processo de adaptação do “novo” modo de exercer jornalismo nas rotinas de produção. Gustavo Xavier explicou como era a relação do editor de textos com o editor de imagens.

No início não era tão fácil a relação com o editor de imagens, porque o editor de imagens está acostumado a receber as imagens de um disco, um cartão, e no início, havia muitas reclamações dos editores porque a gente pedia aos entrevistados as sonoras e não se atentava em pedir as imagens de apoio. Quando percebemos isso, colocamos na lista de apoio mais esse tópico, para não precisar utilizar imagens de arquivo ou acabar perdendo a matéria por falta de imagens (*Gustavo Xavier, entrevista realizada em 01 de março de 2022*).

A terceira entrevista da matéria foi do psicólogo Stefano Farias, que explicou cientificamente como o chocolate age para causar a sensação de bem-estar que as duas primeiras entrevistadas mencionaram anteriormente.

Ilustração 7 – Terceiro entrevistado



Fonte: Print de tela - disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8679241/>

A quarta entrevistada, Mariana Borges, é uma empresária de Campina Grande, dona de uma doceria, que falou sobre a relação do trabalho dela com o chocolate tanto no trabalho quanto na vida pessoal. Em sua fala, ela se colocou como chocólatra tanto quanto os clientes que consomem os seus produtos, em sua maioria, de chocolate.

Ilustração 8 – Quarta entrevistada



Fonte: Print de tela - disponível em:  
<https://globoplay.globo.com/v/8679241/>

A quinta e última entrevistada, Fabiana Florentino, é uma segunda empresária que inovou no seu negócio usando, também, o chocolate. Ela faz receitas de origem europeia, e explicou que o consumo de chocolate deve ser feito com cuidado, escolhendo produtos de qualidade.

Ilustração 9 – Quinta entrevistada



Fonte: Print de tela - disponível em:  
<https://globoplay.globo.com/v/8679241/>

Com as falas sendo gravadas pelo celular, é possível perceber que a audiência se tornou participativa não somente nas sugestões de pautas, mas também na produção direta do telejornalismo. Sobre essa participação direta, a produtora Érica Ribeiro explicou que a pandemia aumentou consideravelmente a participação da audiência.

Muito já se falava sobre a influência da audiência no processo de produção. A questão da pandemia aumentou muito a participação da audiência no processo de produção das notícias. Dentro das teorias do jornalismo vimos muito a participação do público como fator determinante na produção de conteúdo que ia para o ar. Nosso conteúdo girava em torno dessa participação, e continua sendo assim, principalmente na pandemia, em que ficamos limitados a não sair da redação. A audiência foi essencial mandando vídeos, áudios, fotos, registrando a notícia no local (*Érica Ribeiro, entrevista realizada em 04 de março de 2022*).

Apesar das limitações dessa reportagem, no quesito de recursos de imagens, o repórter Artur Lira considerou que a mensagem foi repassada aos telespectadores de maneira satisfatória, garantindo que as sonoras feitas pelos entrevistados foram suficientes para concluir a matéria.

Mesmo com todas essas limitações as entrevistas atenderam a tudo que perguntamos aos personagens. Então isso tornou a matéria possível. Em termos de imagens ficamos totalmente limitados, mas era o que tínhamos. Então ficamos sem tantas escolhas era aceitar usar o VT com poucas imagens ou ter que desistir. Ficamos muito felizes porque essa matéria saiu e para quem assistiu em casa ela saiu muito bem. Lembro que no jornal ela foi muito comentada pelos telespectadores que mandam mensagens durante o jornal, mas tenho certeza que se nossa equipe tivesse a possibilidade de ir presencialmente a matéria ficaria ainda melhor, com mais imagens, detalhes. (Artur Lira, entrevista realizada em 05 de março de 2022).

A maioria das imagens de apoio desta matéria foram enviadas pelas duas últimas entrevistadas. Essa escolha foi feita de forma estratégica, já que ambas trabalham com chocolate e tinham produtos de fácil acesso para poder filmar e enviar à equipe de produção da TV Paraíba.

Ilustração 10 – Imagem de apoio feita pela quarta entrevistada



Fonte: Print de tela - disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8679241/>

Ilustração 11 – Imagem de apoio feita pela quinta entrevistada



Fonte: Print de tela - disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8679241/>

Apesar de considerar essa reportagem completa, no quesito editorial, o editor Gustavo Xavier explicou que essa matéria não foi produzida como ele gostaria, por ter sentido falta de imagens de apoio.

Essa é uma matéria completa. Tem fala de personagens viciados em chocolate, tem fala de especialistas e de empreendedores do produto que mostramos, mas não tínhamos recursos de imagens suficientes para fechar um VT. Teve uma das imagens que nós usamos duas vezes e na segunda vez que utilizamos, fizemos um recorte aproximado para poder repetir sem dar a entender que era a mesma imagem. É uma matéria curta, porque não tinha imagens suficientes, mas ficou completa. A informação foi passada. Fala sobre benefícios, malefícios, quem está ganhando de chocolate e quem depende dele (Gustavo Xavier, entrevista realizada em 01 de março de 2022).

Ainda sobre as limitações do uso de imagens feitas pelos entrevistados, Artur Lira explicou como que seria o trabalho feito se não fosse as limitações da pandemia e nessa ocasião, a equipe teria feito as imagens necessárias.

O mais difícil sempre foi explicar para o entrevistado de que, além de gravar a própria entrevista, eles teriam que gravar os doces, mostrar como eram feitos. Esses vídeos a parte são o que nós chamados de imagens de apoio. Como sempre digo. Televisão é imagem. Então se falamos de chocolate, tem que ter a imagem do chocolate. Se falamos sobre os processos de fabricação, tem que tem a imagem dele sendo produzidos. Com a nossa equipe no local, nossos

cinematografistas logo se encarregam registrar essas imagens em vários ângulos, com alta qualidade e várias técnicas profissionais de enquadramento, foco de câmera (*Artur Lira, entrevista realizada em 05 de março de 2022*).

Outra dificuldade enfrentada pelos jornalistas da emissora foi a questão do tempo para produzir cada matéria. Como a equipe dependia da disponibilidade dos entrevistados de gravarem as entrevistas e as imagens de apoio, a autora do texto observou, enquanto parte da equipe de jornalismo à época da análise, que algumas matérias deixaram de ser exibidas por causa do *deadline*<sup>17</sup> que não foi cumprido, pois alguns entrevistados mandavam o material fora do prazo solicitado pelos profissionais e isso, em alguns momentos, acabou comprometendo a exibição de determinados assuntos.

Com a análise, é possível concluir que essa é uma matéria completa do ponto de vista editorial, apesar das limitações. Ela foi composta de boas falas e imagens que ajudaram a contar a história, sendo um exemplo de como o empenho da equipe de jornalismo tornou possível uma matéria como essa ir ao ar.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos feitos para desenvolver este artigo, concluímos que a utilização dos celulares deve ser uma realidade cada vez mais inserida dentro das redações e na rotina dos jornalistas profissionais. A pandemia fez com que a audiência fosse cada vez mais participativa e importante nas rotinas produtivas da redação da TV Paraíba.

A informação é um direito de cada cidadão e a população precisava continuar sendo informada. Com o uso da tecnologia e do jornalismo móvel, podemos concluir que essa é uma tendência global que foi acelerada por causa da necessidade trazida pela pandemia do novo coronavírus. As equipes precisaram evitar sair das redações para executar as matérias, mas os jornais precisavam ir ao ar, a notícia precisava continuar sendo levada ao público e as condições pandêmicas trouxeram muitos desafios.

Com a nova realidade vivida pela redação da TV Paraíba, concluímos diante dos objetivos desta pesquisa, que a experiência tida pela TV Paraíba, em relação ao isolamento social, foi algo novo e que precisou de adaptações, mas que os coprodutores foram essenciais ao longo desse processo, utilizando, além da boa vontade, seus próprios dispositivos móveis. A informação passou a ser transmitida nos telejornais da emissora através não somente dos profissionais, mas de uma audiência participativa, através das sugestões e colaboração, de acordo com as orientações dos jornalistas.

Apesar de ser um novo formato desafiador, as bases do jornalismo continuaram sendo levadas em consideração mesmo com a participação direta da audiência. Podemos concluir, através das entrevistas, que o início do processo foi desafiador, tendo como principal desafio a fase de adaptação. Além disso, a demora na conclusão das matérias, a qualidade do material enviado e a limitação de falas e imagens também foram desafios que somente a adaptação fez com que os jornalistas da TV aprendessem a lidar com o tempo, afinal, depender da coprodução fez com que a qualidade do material exibido estivesse fora do padrão que normalmente é finalizado.

Os profissionais mostraram terem sentido dificuldades não somente técnicas, mas em relação à qualidade de informações que eram transmitidas. Apesar disso, concluímos que a participação da coprodução foi um elemento presente nas produções da referida TV durante o período analisado.

Através da análise da reportagem “Dia Mundial do Chocolate; produto é apreciado por milhares de brasileiros”, e somando-se às entrevistas semiestruturadas, podemos concluir que a audiência foi essencial e participativa, exercendo um papel de

---

<sup>17</sup> prazo máximo para entrega de anúncio ou matéria.

destaque na produção de notícias. Além disso, os recursos utilizados através dos dispositivos móveis têm sido cada vez mais presentes nas edições dos telejornais da Rede Paraíba.

Mesmo com as entrevistas voltando a acontecerem presencialmente, a coprodução continuou fazendo parte da rotina dos jornalistas da TV Paraíba, principalmente quando se trata de informações vindas de outras cidades e que não dá tempo uma equipe de reportagem se deslocar até o local. Com isso, o que podemos concluir é que, sim, a utilização da tecnologia a favor da informação já era um processo que vinha sendo inserido aos poucos na realidade das rotinas de produção, e a pandemia acelerou ainda mais esse processo, fazendo com que a coprodução fizesse parte do dia a dia da redação de forma mais presente.

Apesar da contribuição dos coprodutores considerada essencial para o jornalismo, é importante ressaltar que eles não substituem a importância do profissional formado em jornalismo dentro das redações, pois são eles que entendem dos critérios de notícias, da linha editorial do veículo de comunicação, da ética e também da forma de produzir notícia.

## 6 - REFERÊNCIAS

ASSIS, Francisco de. O jornalismo além do lead: rotinas produtivas, anuências e condições para uma prática diferenciada. São Paulo, **Revista Midiática**, v.12, n3, p 40-54, 2017. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/27>. Acesso em 11 mar 2022.

BITTENCOURT, Maíra. **Manual técnico de rotinas produtivas de jornalismo televisivo**. Vilhena, 2017. Disponível em: <https://1library.org/document/qmv01x7q-manual-tecnico-de-rotinas-produtivas-de-jornalismo-televisivo.html>. Acesso em 11 mar 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.797, de 6 de fevereiro de 2020**. Dispõe sobre os serviços considerados essenciais durante a pandemia. Brasília, 2020a. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020-242078735> . Acesso em 10 dez 2021.

BRASIL. **Decreto nº 10.288, de 22 de março de 2020**. Dispõe sobre a inclusão do jornalismo como serviço essencial durante a pandemia. Brasília, 2020b. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.288-de-22-de-marco-de-2020-249098577> . Acesso em 10 dez 2021.

CASA CIVIL. **Enfrentamento ao coronavírus**: os serviços essenciais que não podem parar durante a pandemia. In: Governo Federal. 29 de abr de 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2020/abril/enfrentamento-ao-coronavirus-os-servicos-essenciais-que-nao-podem-parar-durante-a-pandemia> . Acesso em 10 dez 2021.

COUTINHO, Iluska. Lógicas de produção do real no telejornal: a incorporação do público como legitimador do conhecimento oferecido nos telenoticiários. In GOMES, IMM (org). **Televisão e Realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. **Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise**. Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213925/001118081.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

G1. **83% dos principais países afetados pelo coronavírus adotaram 'lockdown', aponta levantamento**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/18/83percent-dos-principais-paises-afetados-pelo-coronavirus-adotaram-lockdown-aponta-levantamento.ghtml>. Acesso em 8 dez 2021.

G1 PARAÍBA. **Governo da PB suspende aulas na rede estadual de e recomenda cancelamento de eventos por 90 dias**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/03/17/governo-da-pb-suspende-aulas-na-rede-estadual-e-recomenda-cancelamento-de-eventos-por-90-dias.ghtml>. Acesso em 08 dez 2021.

PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. *et al.* **Telejornalismo: da audiência presumida aos co-produtores da notícia**. Caxias do Sul, 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-3124-1.pdf>

KUHN, Fábio Alex. **Rotinas Produtivas, critérios de noticiabilidade e a arte de fazer jornal diário: os bastidores da Gazeta do Sul e da Folha de São Paulo**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário Univates. Disponível em: [https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UVAT\\_b8f18cbfbc1a236b24e2e2d2db845abb](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UVAT_b8f18cbfbc1a236b24e2e2d2db845abb). Acesso em 11 mar 2022.

LAZZARETTI, Vanessa. **Blog Jornalismo B e a crítica da mídia: uma releitura dos fatos noticiados**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Passo Fundo. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/handle/riupf/190>. Acesso em 11 mar 2022.

MCLINTOSH, Kenneth. **Doença de coronavírus (COVID-19)**. 2019. Disponível em: <http://www2.ebserh.gov.br/documents/1688403/5111980/4.pdf/49227786-d768-470e-9ea2-7e021aa96cc9#:~:text=2020,-INTRODU%C3%87%C3%83O&text=2019%2C%20um%20novo%20coronav%C3%ADrus%20foi,em%20outros%20pa%C3%ADses%20do%20mundo>. Acesso em 17 abr 2021.

MEC – Ministério da Educação. **CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia. (2020)**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia>. Acesso em 10 dez 2021.

MESQUITA, Giovana Borges; CERETTA, Kellen Ayana Alves; RÊGO, Sarah. **Telejornalismo “participativo” e a relação com a audiência: análise do JMTV (MA) E DO NETV (PE)**. Brasília. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v. 9, n. 24, p. 44-60, 2019. Disponível em: <http://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/315>. Acesso em 11 mar 2022.

MESQUITA, Giovana Borges; JÚNIOR, Alfredo Eurico Bezerra. **A Audiência Potente e as novas relações do jornalismo**. Recife. Estudos em Jornalismo e Mídia Vol. 11 Nº 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2014v11n2p596>. Acesso em 11 mar 2022.

OLIVEIRA, Elida. **83% dos principais países afetados pelo coronavírus adotaram 'lockdown', aponta levantamento**. Disponível em:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/18/83percent-dos-principais-paises-afetados-pelo-coronavirus-adotaram-lockdown-aponta-levantamento.ghtml>. Acesso em 08 dez 2021.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. **ALERTA Epidemiológico - Complicações e Sequelas da Covid-19**. In: Organização Pan-americana de Saúde. 12 ago. 2019. Disponível em:

<https://www.paho.org/bra/dmdocuments/covid-19-materiais-de-comunicacao-1/Alerta%20epidemiologico%20-%20Complicacoes%20e%20sequelas%20da%20COVID-19.pdf> . Acesso em 8 dez 2021.

PARAÍBA. **Decreto nº 17.077, de 21 de março de 2020**. Estima recomendações de suspensão de aulas na rede de estadual de ensino. PARAÍBA: Governo do Estado, 2020. Disponível em:

<https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doi/janeiro/marco/diario-oficial-17-03-2020.pdf><https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doi/janeiro/marco/diario-oficial-21-03-2020.pdf>. Acesso em 9 abr 2021.

PARANÁ. **Panorama Covid-19**. Disponível em:

[https://www.saude.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2021-12/informe\\_epidemiologico\\_20\\_12\\_2021.pdf](https://www.saude.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-12/informe_epidemiologico_20_12_2021.pdf) . Acesso em 8 dez 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SBPT - Sociedade Brasileira De Pneumologia E Tisiologia. **Orientações da OMS para a prevenção da Covid-19**. Disponível em: <https://sbpt.org.br/portal/covid-19-oms/> . Acesso em 8 dez 2021.

SILVA, Fernanda Cristina dos Santos; MONTEIRO, Patrícia; VASCONCELOS, Vitória Batista Nunes de. Jornalismo e imaginário na hashtag #ParaibadaJanela no Instagram. In SIQUEIRA, Fabiana; NEVES, Gabriela; MOREIRA, Thayane (Org). **Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na Internet**. João Pessoa: UFPB, 2020.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel digital: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo**. Salvador, 2013. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/13011/1/Fernando%20FIRMINO%20da%20Silva.pdf>

SILVA, Juliana Ângela da. **Coprodução de notícias na TV: o telejornal construindo a realidade e a sociedade construindo o telejornal**. 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10508>. Acesso em 11 mar 2022.

SILVA, William Robson Cordeiro; GOMES, Marcília. **O que é notícia: A influência do gatekeeping na produção jornalística da TCM**. Mossoró, 2009. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1523-1.pdf>. Acesso em 11 mar 2022.

SIQUEIRA, Fabiana; NEVES, Gabriela; MOREIRA, Thayane (Org). **Telejornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na Internet**. João Pessoa, UFPB: 2020.

SOUZA, Luciane Zuê Z e. **Edição Jornalística: Uma Prática Ainda (In)Definida Pela Teoria.** Santa Catarina, s.d. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/16270313/edicao-jornalistica-uma-pratica-ainda-indefinida-pela-teoria-unisul>. Acesso em 11 mar 2022.

UNASUS. **CORONAVÍRUS: Brasil confirma primeiro caso da doença.** In: Una-SUS. Brasília, 27 fev de 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca> . Acesso em 8 dez 2021.

VIZEU, Alfredo. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica.** Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, núm. 40, 2009, pp. 77-83. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6321>. Acesso em 11 mar 2022.

## 7 APÊNDICE

### APENDICE A - Roteiro de perguntas aplicado para os entrevistados

#### **Eixo 1: os desafios da produção em tempos de pandemia**

1. Durante a pandemia, quais foram os seus maiores desafios na produção da TV Paraíba?
2. Como você analisa a participação da audiência durante a pandemia no processo de produção das notícias, para que o jornal fosse ao ar?
3. Como era que se pensava em pautas para a realidade da pandemia?
4. Alguma pauta caiu devido a problemas no envio de material por parte da audiência?
5. Como você orientava os entrevistados para enviarem o vídeo com a qualidade e formatação necessárias para TV?
6. Diante dessa realidade vivida no início da pandemia, como foi colocar em prática rotinas e dinâmicas diferentes de produção, dependentes, muitas vezes, do material que era feito através de pessoas que não tinham conhecimento técnico de produção de notícia?

#### **Eixo 2: os desafios da edição de matérias em tempos de pandemia**

1. Quais foram os seus maiores desafios na edição de matérias durante a pandemia?
2. Como era a relação do editor de texto com o editor de imagens com o material que chegava à redação?
3. Os entrevistados demoravam a enviar o material solicitado?
4. Quando havia essa demora, existia algum “plano B” para o assunto?
5. Do ponto de vista editorial, “Dia mundial do chocolate; produto é apreciado por milhões de brasileiro”, exibida no dia 7 de julho de 2020, é uma matéria com todos os pontos essenciais de uma reportagem?

#### **Eixo 3: os desafios da reportagem em tempos de pandemia**

1. Como foi fazer matérias sem sair da redação no início da pandemia?
  2. Quais eram os maiores desafios para desenvolver as matérias?
- Em determinados momentos, você precisou entrar em contato com o personagem por telefone para orientar?
3. Foi preciso pedir para os entrevistados regravamem?
  4. Como foi produzir a matéria “Dia mundial do chocolate; produto é apreciado por milhões de brasileiro”, exibida no dia 7 de julho de 2020?
  5. Você teve alguma dificuldade para concluir essa matéria?
  6. Como você considera essa matéria em termos de falas e imagens?